

ENTREVISTA

Alexia de Oliveira

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Pós-graduada em Gestão de Marketing pelo SENAC-SP

Bibliotecária-chefe do CEFET-RJ, campus Angra dos Reis (RJ)

1 O que é transexualidade, como foi seu processo de transição e quais os principais entraves para viver plenamente sua identidade tanto na vida pessoal quanto profissional?

De forma resumida, entendo que a transexualidade pode ser conceituada como a condição na qual a pessoa não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer por conta de seu sexo biológico, o qual determina em nossa sociedade papéis de fêmea e macho e, por isso, tem a necessidade de fazer a transição para o gênero ao qual ela se identifica. Meu processo de transição foi tardio, pois – além de ter que vencer a resistência de família e sociedade, fugi a vida inteira, sem coragem de encarar – até mesmo por uma série de preconceitos que me foram plantados e enraizados ao longo da vida, toda vez que a questão me vinha forte. Antes de iniciar a transição, pesquisei e estudei o assunto por 2 anos (tenho que dar o exemplo né rsrs), do que se tratava, aprendi que gênero e sexualidade são coisas distintas (gênero é o que somos e sexualidade por quem sentimos atração), conheci termos como cisgênero (quem se identifica com o gênero atribuído ao nascer) e transgênero (quem não se identifica com o gênero atribuído ao nascer) e outros. Esse período foi essencial para que eu me despisse dos preconceitos internos e me libertasse. Quando tive entendimento do que eu sou e me aceitei, dei início a terapia hormonal, com acompanhamento de médica endocrinologista e psicóloga. Mas acredito que, mesmo percebendo transfobia, que antes era velada e agora anda um tanto mais evidente no local de trabalho, iniciar a transição

tardiamente (março de 2018 completo 2 anos e meio) me possibilitou ser a profissional bem sucedida que sou hoje. De qualquer forma, vejo-me como privilegiada por ainda não ter sofrido violências por parte de pessoas desconhecidas (mesmo assim, ando sempre em estado de alerta em espaços públicos, principalmente quando estou sozinha); a transfobia que recebo parte justamente de pessoas de meu círculo familiar, social e profissional.

2 Você foi a primeira bibliotecária transexual com registro em um Conselho Regional de Biblioteconomia no Brasil a ter seu nome social respeitado. Em sua concepção qual a relevância histórica deste fato e você percebe ainda uma falta de informação tanto da categoria profissional de bibliotecários quanto da sociedade em geral?

O CRB-7 (Rio de Janeiro) emitiu uma nota recentemente informando que foi o primeiro Conselho Regional de Biblioteconomia no Brasil a possuir uma bibliotecária transexual registrada a fazer uso de nome social, no caso eu. E agora estou, junto com o CRB-7, pioneira novamente na profissão, por ser também a primeira bibliotecária transexual com retificação de nome e sexo na documentação civil e, por consequência, no registro CRB. Em relação a falta de conhecimento das pessoas, no geral, atribuo esse fato ao preconceito internalizado da sociedade pois, mesmo o assunto sendo veiculado constantemente em vários canais e mídias, há uma resistência voluntária de uma grande parcela da população em querer compreender a questão, pois falta de informação e de acesso não é. É algo como “não sei, não quero saber, o que importa é o que eu acho” (sempre fundamentado em falsa moral). E, na boa, não vou pautar minha vida de acordo com as crenças e visão do mundo de gente ignorante.

3 A pesquisa e ações voltadas aos estudos de gênero com foco na diversidade, sexualidade, identidade e dissidências ainda são muito tímidas e o tema ainda é pouco discutido pela área. Qual a relevância da discussão do tema na Biblioteconomia e Ciência da Informação, haja vista nossa categoria atuar diretamente com pessoas e em seu juramento focar no caráter humanista da profissão?

As pesquisas sobre gênero têm avançado a passos tímidos em nosso país, sendo mais desenvolvidas em países onde a pesquisa e tecnologia são levadas a sério por parte do Governo, tanto que existe um protocolo elaborado pela Universidade da Califórnia e outro europeu sobre terapia hormonal e outros estudos sobre a parte psicológica e social da transexualidade. Vejo como importante a discussão do tema em Biblioteconomia e Ciência da informação devido ao papel da bibliotecária como mediador entre a informação e o público que o conhecimento pretende atingir, para buscar vencer as barreiras da ignorância voluntária, não apenas nessa questão, mas em todas mais que atrapalham e atrasam a convivência civilizada em nossa sociedade.